

ECONOMIA

Pobre paga conta da desvalorização

Em 2 meses, inflação para menores salários ficou em 2,1%, contra 1,8% para os maiores

Andria Dunningham

Bastaram dois meses e meio do real desvalorizado para que a população mais pobre do país, até então a grande beneficiada pelo plano econômico, passasse para o outro extremo da gangorra. Um estudo concluído ontem pelo economista Marcelo Neri, coordenador do Instituto de Estudos do Trabalho e da Sociedade (Iets), mostra que a inflação dos pobres já está maior do que a dos ricos, um efeito que a médio prazo tende a reduzir ainda mais o poder de compra dessa parcela da população e fazer crescer a concentração de renda no país.

A partir dos dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) e do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), ambos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Neri montou cestas de consumo para famílias com renda mensal de zero a R\$ 215 e de até R\$ 2.969. Acabou chegando a uma conclusão insólita: os mais pobres consomem mais produtos chamados de "transacionáveis" (importados ou mercadorias que sofrem concorrência do mercado externo) do que os mais ricos e por isso estão sentindo mais o peso da desvalorização. Resultado: nos meses de janeiro e fevereiro, a inflação dos mais pobres ficou em 2,14%, contra 1,84% dos mais ricos.

— Estamos colhendo os primeiros impactos da desvalorização cambial sobre a inflação e já podemos notar que, na média, os bens transacionáveis subiram 2,81% nestes dois meses, contra 1,16% dos não transacionáveis. Como isso prejudica os mais pobres, se o que vimos até agora é um indicativo de inflação futura, os mais pobres serão mais afetados, o que nos cria uma preocupação social — explica Neri.

Desvalorização pode aumentar concentração de renda no país

De cesta de consumo dos mais pobres, 62,4% são produtos transacionáveis, enquanto na dos ricos o peso destes produtos cai para 45,8%. Que ninguém pense que a população de baixa renda lora a dispensa com delícias importadas. O que faz o peso dos transacionáveis ser alto é a grande quantidade de alimentos consumidos por essas famílias, um grupo de produtos que cada vez mais têm seus preços influenciados pela concorrência externa. Proporcionalmente às suas despesas, a classe mais baixa gasta mais, por exemplo, com cereais, farinha e legumes do que a mais alta.

— Já a população mais rica gasta menos com alimentação e mais com serviços que não sofre pressão externa. Por outro lado, ela também está profissionalmente mais ligada à indústria, um setor que se beneficia da desvalorização. Enquanto a camada mais pobre

